

T L SWAN

PRIMEIRA CLASSE

Tradução de
André Carvalho

alma
dos
livros

Um

— **M**exam-se! — diz uma voz entre dentes nas minhas costas. Surpreendida, viro-me para o homem atrás de mim na fila. — Desculpe? — respondo num alvoroço. — Quer passar? — Não. Quero que aqueles idiotas ao balcão se despachem. Vou perder a porcaria do avião — desdenha, e consigo sentir o álcool no seu hálito. — Metem-me nojo.

Viro-me para a frente. *Ótimo. Um bêbado na fila do check-in.* Era só o que me faltava.

O aeroporto de Heathrow está movimentado. O mau tempo provocou atrasos na maioria dos voos e, honestamente, gostava que o meu fosse um desses. Poderia dar meia-volta, regressar ao hotel e dormir durante uma semana.

Não estou com disposição para esta merda.

Ouço o homem virar-se e queixar-se às pessoas atrás de si, e reviro os olhos. Por que raio são as pessoas tão mal-educadas?

Nos dez minutos seguintes, ouço-o resmungar, suspirar e lamentar, até que não aguento mais. Viro-me para ele.

— Estão a trabalhar o mais rápido que conseguem. Não é preciso ser malcriado — atiro-lhe.

— O quê? — grita, direcionando-me a sua raiva.

— A boa educação é gratuita — respondo num murmúrio.

— A boa educação é gratuita? — vocifera. — Quem és tu, alguma professora? Ou só uma cabra irritante?

Encaro-o furiosa. *Oh, não me desafies.* Passei as últimas quarenta e oito horas no inferno. Atravessei o mundo para ir a um casamento, apenas para ver o meu ex-namorado colado à sua nova namorada. Estou com vontade de esfaquear alguém!

Não se metam comigo!

Volto a virar-me para a frente, a minha raiva a começar a ferver.

Ele pontapeia a minha mala, e eu viro-me.

– Pare com isso! – atiro-lhe.

Aproxima-se, ficando a apenas alguns centímetros do meu rosto, e estremeço com o seu bafo.

– Faço o que me apetecer, foda-se.

Vejo os seguranças a atravessarem a sala de espera, de olho no tipo. Os funcionários viram o que estava a acontecer e pediram reforços. Finjo um sorriso.

– Cavalheiro, não dê pontapés na minha mala, por favor – digo docemente.

– Dou pontapés no que me apetecer – agarra na minha mala e atira-a para o outro lado da sala.

– Que raio?! – grito.

– Ei – intervém o homem atrás de nós. – Não toque nas coisas dela. Segurança! – chama.

O Sr. Bêbado e Tresloucado dá-lhe um soco, e o caos instala-se.

Os seguranças acorrem de todos os lados, e sou empurrada para trás, enquanto o homem continua a distribuir socos e a gritar obscenidades. Oh, porra, não precisava disto hoje!

Ao fim de algum tempo, conseguem controlá-lo e levam-no dali algemado. Um segurança simpático agarra a minha mala.

– As minhas desculpas por isto – lamenta-se. – Venha comigo – diz-me, ao soltar a corda que delimita a fila.

– Obrigada. – Sorrio, atrapalhada, a todas as outras pessoas na fila. Detesto passar à frente, mas, neste momento, não quero saber. – Ótimo – e sigo-o timidamente até ao balcão onde está um rapaz mais jovem, que sorri assim que me vê.

– Olá.

– Olá – retribuo.

– A senhora está bem? – pergunta-me.

– Sim, estou, obrigada por perguntar.

– Cuide dela – diz o segurança; pisca-nos o olho e desaparece na multidão.

– Identificação, por favor? – solicita o rapaz.

Vasculho a minha bolsa à procura do passaporte e entrego-lho; sorri ao olhar para a fotografia. Oh, porra, aquela é a pior fotografia de sempre.

– Viu-me no *Mais Procurados*? – pergunto.

- É possível. Aquela fotografia... é mesmo a senhora? – ri-se.
Sorrio, envergonhada.
- Espero que não. Estarei em sarilhos, se for.
Ele introduz a minha informação no sistema.
- Então, tem um voo para Nova Iorque com... – interrompe o que está a escrever e lê.
- Sim. De preferência, não ao lado daquele homem.
- Ele hoje não vai a lado nenhum, a não ser preso – responde-me, sem nunca parar de escrever a uma velocidade ridícula.
- Porque haveria alguém de embriagar-se antes de vir para o aeroporto?
- pergunto. – E ainda nem tinha chegado aos bares do aeroporto.
- Surpreender-se-ia com o que acontece por aqui – suspira.
Sorrio; este rapaz é simpático.
- Imprime o meu bilhete.
- Atualizei-o.
- Desculpe?
- Primeira classe, como pedido de desculpa por aquele tipo ter maltratado a sua mala.
- Fico estupefacta.
- Oh, não era preciso... a sério – consigo balbuciar.
- Entrega-me o bilhete e sorri.
- Aprecie o seu voo.
- Muito obrigada! – agradeço entusiasmada.
- Pisca-me o olho, e estava capaz de, naquele momento, dar a volta ao balcão e abraçá-lo. Só que, óbvio, não o farei. Vou fingir que coisas fixes como esta me acontecem todos os dias.
- Obrigada, mais uma vez – sorrio.
- Tem acesso à sala de espera VIP, que se situa no primeiro piso. As refeições e as bebidas são cortesia da casa. Tenha um excelente voo. – Depois de um último sorriso, volta a atenção para a fila. – Próximo, por favor.
- Passo pelo controlo de segurança com um sorriso ridículo.
- Primeira classe – era mesmo disto que precisava.

Três horas depois, entro no avião como se fosse uma estrela. Não fui para a sala de espera VIP, porque, bem... estou com péssimo aspeto: o meu cabelo, comprido e escuro, está apanhado num rabo de cavalo alto, e estou a usar umas *leggings* pretas, uma camisola cor-de-rosa larga e uns ténis.

Admito, retoquei um pouco a maquilhagem... é melhor do que nada. Se soubesse que me iriam colocar em primeira classe, pelo menos, teria tentado estar mais apresentável, em vez de parecer uma sem-abrigo. Mas, pronto... quem é que se importa? Não me parece que vá encontrar alguém que conheça.

Entrego o meu bilhete à assistente de bordo.

– É pelo corredor esquerdo e, depois, à direita.

– Obrigada. – Olho para o bilhete e percorro o avião até encontrar o meu lugar.

1-B.

Porra, não estou à janela. Quando chego ao meu lugar, o homem sentado ao lado da janela vira-se para mim. Uns grandes olhos azuis saúdam-me, e sorri.

– Olá.

– Olá – devolvo.

Oh, não... Estou sentada ao lado da uma das dádivas de Deus às mulheres... só que melhor.

E eu neste estado... *Que se lixe!*

Quando me preparo para arrumar a mala, ele levanta-se.

– Espere, deixe-me ajudar.

Tira-ma das mãos e arruma-a cuidadosamente. É alto e musculado, e tem vestidas umas calças de ganga azuis e uma *t-shirt* branca; cheira ao melhor *aftershave* da História.

– Obrigada – murmuro, ao passar a mão pelo meu rabo de cavalo, tentando suavizar os nós. Pontapeio-me mentalmente por estar nesta figura.

– Quer o lugar à janela? – pergunta.

Fico a olhá-lo, o meu cérebro a tentar processar.

Aponta para o lugar ao lado da janela.

– Não se importa? – franzo o sobrolho.

– De modo algum – sorri. – Viajo constantemente. Pode ficar aqui.

Forço um sorriso.

– Obrigada.

Será que aquilo era linguagem em código para «sei que o teu bilhete foi atualizado, pobre sem-abrigo, e tenho pena de ti»? Sento-me e olho nervosamente pela janela, com as mãos entrelaçadas sobre o colo.

– Vai para casa? – pergunta-me.

Viro-me para ele. *Oh, por favor, não fales comigo! Deixas-me nervosa só por estares aí sentado.*

– Não, vim a um casamento, e tenho uma entrevista de emprego em Nova Iorque antes de regressar a casa. Fico apenas um dia, depois, apanho outro voo para Los Angeles, onde vivo.

– Ah – sorri. – Percebo.

Olho-o por um momento; devia perguntar-lhe alguma coisa.

– Vai... vai para casa? – digo.

– Sim.

Aceno, incerta do que irei dizer a seguir, pelo que escolho a opção foleira e volto-me novamente para a janela.

A assistente de bordo anda de um lado para o outro com uma garrafa de champanhe e copos.

Copos! Desde quando é que as companhias aéreas nos dão copos de vidro verdadeiros?

Ah, claro, primeira classe... Tinha de ser.

– Deseja um pouco de champanhe para a descolagem, senhor? – pergunta a assistente de bordo. Reparo que o seu crachá tem o nome «Jessica».

– Isso seria muito amável – sorri e vira-se para mim. – Sirva dois, por favor.

Franzo o sobrolho, enquanto a assistente nos entrega os copos.

– Obrigada – sorrio.

Espero até que se afaste e não me consiga ouvir.

– Pede sempre bebidas pelas outras pessoas? – pergunto.

Parece surpreendido pelo que acabei de dizer.

– Incomodou-a?

– De modo algum – respondo com impaciência. Tens-te em grande conta, Sr. Pretensioso, para achares que podes pedir bebidas por mim! – Ainda assim, gosto de ser eu a pedir as minhas bebidas.

Ele sorri.

– Bem, pode pedir as próximas, então – levanta-me o seu copo com um sorriso pretensioso, e dá um gole. O meu aborrecimento parece diverti-lo.

Olho-o com indiferença. Começo a achar que este poderia ser a vítima número dois dos meus esfaqueamentos de hoje. Não estou com disposição para que um velho rico e sacana me diga o que fazer. Bebo do meu champanhe enquanto olho pela janela. Bem, não é propriamente velho. Talvez trinta e muitos. Quer dizer, é velho quando comparado comigo, tenho vinte e cinco... seja como for, não interessa.

– O meu nome é Jim – diz, ao estender a mão para que o cumprimente.

Oh, Deus, agora tenho de ser educada! Aperto-lhe a mão.

– Olá, Jim. Sou a Emily.

Os seus olhos parecem dançar com malícia.

– Olá, Emily.

Os seus olhos são grandes, de um azul brilhante, lindos de morrer, do género em que me poderia perder. Mas porque olha para mim assim?

O avião começa lentamente a avançar na pista, e concentro-me no espaço entre os auscultadores e o apoio para os braços. Onde é que se ligam? São todos *high-tech*, como os que os YouTubers com excesso de confiança usam. Nem sequer têm fio. Olho em volta. *Bem, isto é estúpido. Como é que os ligo?*

– Por Bluetooth – diz-me ele.

– Ah – murmuro, sentindo-me estúpida. É claro que são. – Certo.

– Nunca viajou em primeira classe? – pergunta-me.

– Não. O meu bilhete foi atualizado. Um maluco bêbado decidiu andar aos pontapés à minha mala pelo aeroporto. Acho que o tipo no balcão teve pena de mim – respondo com um ténue sorriso.

Morde os lábios, como se estivesse a divertir-se, e bebe do seu champanhe; o seu olhar permanece no meu rosto, como se tivesse alguma coisa em mente.

– O que foi? – pergunto.

– Talvez o tipo do balcão tenha pensado que é deslumbrante e atualizou o bilhete para a impressionar.

– Não tinha pensado nisso – bebo do meu champanhe, a tentar esconder o meu sorriso. – Era isso o que faria? Se estivesse no balcão, atualizaria os bilhetes às mulheres para as impressionar?

– Sem dúvida alguma.

Mostro um sorriso pretensioso.

– Impressionar uma mulher pela qual se sente atração é elementar – continua.

Olho-o, enquanto tento que o meu cérebro processe a conversa. É de mim, ou isto soa a *flirt*?

– Diga-me, então... como é que impressiona uma mulher pela qual se sente atraído? – pergunto, fascinada.

O seu olhar fixa-se no meu.

– Ofereço-lhe um lugar à janela.

O ar crepita entre nós, e mordo o lábio para esconder o meu sorriso pateta.

– Está a tentar impressionar-me? – pergunto.

– Como me estou a sair? – pergunta de volta, com um sorriso lascivo e provocador.

Sorriso pretensiosamente, incerta do que vou dizer.

– Apenas estou a dizer que é atraente, apenas isso. Não interprete de outra forma. Era uma afirmação, não uma pergunta – acrescenta.

– Oh – fico sem palavras. O que é suposto responder? Uma afirmação e não uma questão... hum? Não interpretar de outra forma. Este tipo é estranho... mas lindo de morrer!

O avião aumenta a velocidade e começa a descolar. Agarro-me aos apoios de braços e fecho os olhos com força.

– Não gosta das descolagens? – pergunta-me.

– Parece-lhe que gosto de descolagens? – estremeço, enquanto me agarro à minha querida vida.

– Eu adoro – diz, calmamente. – Adoro a sensação de poder quando se lança em frente. Aquela sensação na barriga.

Certo... por que razão tudo o que sai da sua boca me parece sexual?

Meu Deus, preciso de ir para a cama com alguém... urgente!!!

Expiro e olho novamente pela janela, à medida que subimos cada vez mais. Não tenho energia para estar na brincadeira com este tipo. Estou cansada, de ressaca, com mau aspeto, e o meu ex é um idiota. Só quero dormir e acordar no próximo ano.

Decido ver um filme e percorro as opções no ecrã à minha frente.

Inclina-se para mim e diz:

– Mentos brilhantes pensam igual. Também vou ver um filme.

Finjo um sorriso. *Para de ser tão atraente e de furar a minha bolha! Provavelmente, és casado com uma maluquinha do ioga vegana que faz meditação e merdas do género.*

– Ótimo – murmuro com indiferença. Devia ter viajado em económica; ao menos, não teria de inalar o cheiro de um homem lindíssimo durante oito longas horas sem sexo.

Percorro o ecrã e limito as minhas opções:

Como Perder um Homem em 10 Dias; Orgulho e Preconceito; Armadas e Perigosas; Jumanji... bem, é com o The Rock, tem de ser bom; *Notting Hill; A Proposta; A Minha Namorada tem Amnésia; O Diário de Bridget Jones; Um Sonho de Mulher; Sintonia de Amor; Magic Mike XXL.*

Sorriso perante as possibilidades, todos os meus filmes favoritos alinhados; este voo vai ser um sonho. Ainda não vi a sequela de *Magic Mike*, mais vale começar por esse. Olho de relance para o que Jim escolheu.

Lincoln.

Uf!... um filme político. Quem quer ver isso? Devia ter adivinhado que ele era uma seca...

Toca no ecrã, e vislumbro o seu relógio. Um grande *Rolex* prateado... uma seca e rico...

Típico.

– Que filme vai ver? – pergunta-me.

Oh, não... não quero parecer uma palerma.

– Ainda não tenho a certeza – respondo. *Porra... quero ver homens a despirem-se!* – O que vai ver? – pergunto.

– *Lincoln.* Já ando para o ver há algum tempo.

– Parece aborrecido – digo.

Sorri à minha resposta.

– Depois conto-lhe – coloca os auscultadores e começa a ver o filme, e eu percorro outra vez as minhas opções. Quero mesmo muito ver o *Magic Mike XXL*. Que interessa se ele reparar? Não... é humilhante. Faz-me parecer desesperada.

Quem estou a enganar? Estou desesperada! Já não vejo uma pila há mais de um ano.

Opto por *A Proposta*. Vou trocar uma fantasia por outra. Sempre sonhei ter o Ryan Reynolds como meu assistente pessoal. O filme começa, e sorrio para o ecrã. Adoro este filme. Não importa quantas vezes o veja, faz-me sempre rir. A Gammy é a minha personagem preferida.

– Está a ver um romance? – pergunta-me.

– Uma comédia romântica – respondo. Por amor da Santa, este tipo é intrometido!

Sorri pretensiosamente, como se fosse superior a mim.

– Mais champanhe? – pergunta a assistente de bordo.

O Olhos Azuis vira-se para mim.

– Aqui está a sua oportunidade de pedir para nós.

Fixo-o; bem, agora está a começar a irritar-me!

– Sirva-nos dois, por favor.

– O que lhe agrada nas comédias românticas? – pergunta, sem desviar o olhar do ecrã à sua frente.

– Homens que não falam durante os filmes – sussurro para o meu copo de champanhe.

Sorri amplamente para si mesmo.

– O que lhe agrada nos... – interrompo-me, porque nem sequer sei sobre o que é o *Lincoln* – ... filmes políticos? É por serem aborrecidos como tudo?

– Gosto de histórias verídicas, independentemente do que sejam.

– Eu também – respondo. – Por isso é que gosto de romances. O amor é verídico.

Dá uma risada para o seu copo, como se estivesse a divertir-se.

Encaro-o.

– O que significa isso?

– As comédias românticas estão tão longe da realidade quanto possível. Aposto que é do tipo que também lê livros românticos.

Fulmino-o com o olhar... acho que detesto este homem...

– Sou, é verdade... e, para que saiba, vou ver o *Magic Mike XXL*, para poder ver homens lindíssimos a despirem-se. – Irritada, dou um gole no meu champanhe. – E vou sorrir durante todo o filme, indiferente ao seu julgamento pretensioso.

Ri-se muito alto. Um riso tão profundo e forte que vibra dentro de mim.

Volto a colocar os auscultadores e finjo prestar atenção ao ecrã. Só que não consigo; acabei de fazer uma figura ridícula, e consigo sentir-me a corar.

Para de falar.

Duas horas depois, endireito-me no meu lugar e olho pela janela. O filme acabou, mas o perfume dele não. Está a envolver-me, a provocar-me com ideias nas quais não deveria estar a pensar.

Como é que cheira tão bem?

Incerta do que fazer sem parecer esquisita, decido-me por uma sesta, tentar dormir durante as próximas horas, mas preciso de ir à casa de banho. Levanto-me.

– Com licença.

Desvia um pouco as pernas, mas não o suficiente para que eu tenha espaço ao passar; tenho de me inclinar sobre ele para conseguir chegar ao outro lado. Tropeço e apoio a mão na sua coxa; é grande e dura ao toque.

– Desculpe – gaguejo, envergonhada.

– Está tudo bem... mais do que bem – e sorri.

Fito-o durante um momento. *Hum?*

– As coisas acontecem por alguma razão.

Franzo o sobrolho. O que quer dizer com isso? Consigo passar e vou até à casa de banho. Depois, ando um pouco por ali para esticar as pernas, enquanto penso no que acabou de me dizer. Estou perplexa, e não chego a conclusão alguma.

– O que quis dizer com aquilo? – pergunto-lhe, ao voltar para o meu lugar.

– Nada.

– Deu-me o lugar à janela para que tivesse de passar por cima de si? Inclina a cabeça para o lado.

– Não, dei-lhe o lugar à janela porque o queria. Passar por cima de mim foi apenas um bónus.

Observo-o e tenho dificuldade em responder. Será que estou a imaginar isto? Ricalhaços de meia-idade não costumam falar assim comigo... de todo.

– Está a tentar seduzir-me, Jim? – pergunto.

Sorri, lascivo e sensual.

– Não sei. Estou?

– Perguntei primeiro, não responda à minha pergunta com outra pergunta.

Ri-se e volta a atenção para o ecrã.

– Talvez seja altura de começar também a fazê-lo... Emily.

Sinto-me corar de vergonha, enquanto tento esconder o meu sorriso palerma.

– Eu não seduzo. Ou quero um homem ou não quero – declaro.

– É mesmo? – pergunta, fascinado. – E quanto tempo depois de conhecer um homem toma essa decisão?

– Instantaneamente – minto. Não é verdade, mas vou fingir que sim. Simular autoconfiança é o meu superpoder.

– A sério? – sussurra, enquanto a assistente de bordo passa por nós.

– Desculpe, pode servir-nos mais dois copos de champanhe, por favor? – pergunto-lhe.

– Claro, senhor.

Os seus olhos reencontram os meus.

– Bem, diga-me, qual foi a sua primeira impressão sobre mim?

Finjo procurar a Jessica, a assistente de bordo.

– Talvez precise de uma bebida mais forte para ouvir isto, Jim. Não vai gostar.

Gargalha, e dou por mim a sorrir.

– Qual é a piada? – pergunto.

– Você.

– Desculpe!?! – franzo o sobrolho.

– O seu sentido de integridade.

– Oh, como se também não o tivesse... Sr. Sirva-nos Dois Copos de Champanhe.

As nossas bebidas chegam, e sorri ao entregar-me a minha. Os seus olhos demoram-se no meu rosto ao dar um gole.

– O que esteve a fazer em Londres?

– Uf! – reviro os olhos. – Fui ao casamento de um amigo, mas, para ser honesta, preferia não ter ido.

– Porque não?

– O meu ex andava por lá com a sua mais recente conquista, e estava a ser excessivamente carinhoso com ela só para me irritar.

– E resultou, como é óbvio – acrescenta, inclinando o seu copo para mim.

– Hum – amuada, dou um gole. – Só um pouco.

– Como é que ela era?

– Cabelos compridos de um louro-lixívia, lábios enormes, mamas de silicone, pestanas postiças e um bronzado falso... tudo o que eu não sou.

– Hum – escuta com atenção.

– Como a Barbie No Banco De Trás a dar no *crack*.

Ri-se.

– Todos adoram uma Barbie No Banco De Trás.

Olho-o com asco.

– Esta talvez seja a altura em que deve dizer-me que todos os homens detestam Barbies No Banco De Trás, Jim. Não sabe nada sobre a etiqueta de conversas educadas em aviões?

– É óbvio que não – franze o sobrolho ao avaliar a minha afirmação.

– Porque haveria de saber?

Esubgalho ainda mais os olhos para vincar a minha opinião.

– Para ser simpático.

– Ah, claro – franze o sobrolho novamente, como que a preparar-se para mentir. – Emily... todos os homens sentem repulsa por Barbies No Banco de Trás.

Sorrio e inclino o meu copo na sua direção.

– Obrigada, Jim.

– Ainda que... – interrompe-se por um momento – ... se fizerem bons broches...

O quê!?!?

Sorvo o meu champanhe pelo nariz e engasgo-me. É a última coisa que esperava que dissesse.

– Jim! – consigo dizer a tossir, espalhando champanhe por todo o lado.

Ele ri-se e dá-me os seus guardanapos, e eu limpo a bebida que escorre pelo meu queixo.

– Não é suposto os homens do seu tipo falarem sobre broches – tusso.

– Porque não? – pergunta-me, incrédulo. – E o que quer dizer com homens do meu tipo?

– Todos muito sérios e assim.

Fita-me inexpressivo.

– Defina «assim».

– Bem, mais velhos, ricos e autoritários.

Os seus olhos dançam de prazer.

– E o que a faz pensar que sou rico e autoritário?

Expiro de forma exagerada.

– Parece rico.

– Como assim?

– O relógio caro. O corte da camisa – olho para os sapatos. – Nunca vi sapatos como esses. Onde os arranjou?

– Numa loja, Emily – olha para o relógio. – E, devo dizer-lhe, este relógio foi um presente de uma namorada.

Reviro os olhos.

– Aposto que é uma maluquinha do ioga vegana.

Sorri.

– Conheço o seu tipo de mulher.

– A sério? – Aproxima-se de mim. – Por favor, continue, esta análise de caráter é fascinante.

Sorrio ao ouvir a vozinha do meu subconsciente gritar «*Para de beber, idiota!*»

– Presumo que viva em Nova Iorque.

– Correto.

– Num apartamento.

– Afirmativo.

– Provavelmente, trabalha numa grande empresa.

Sorri; está a gostar deste jogo.

– Talvez.

– Deve ter uma namorada ou... – olho para baixo. – Não usa aliança... Talvez traia a sua mulher quando viaja em trabalho?

Ri-se, divertido.

– Devia fazer disto profissão. Estou surpreendido com a sua precisão. Também gosto deste jogo; sorrio amplamente.

– O que pensa de mim? – pergunto. – Qual foi a sua primeira impressão quando entrei no avião?

– Bem – torce o nariz enquanto reflete na pergunta. – Quer a versão politicamente correta?

– Não. Quero a verdade.

– Certo... nesse caso, reparei nas suas longas pernas e na curva do seu pescoço. Na covinha no seu queixo. É a mulher mais atraente que vejo há muito e, quando sorriu, caiu-me tudo.

Sorrio timidamente, o ar agita-se entre nós.

– Mas, depois, falou... e estragou tudo.

O quê!?

Desato a rir.

– Estraguei tudo? Como é que estraguei tudo?

– É mandona e sarcástica.

– E qual é o problema disso? – gaguejo, ofendida.

– Bem, eu sou mandão e sarcástico – encolhe os ombros.

– E?

– E não quero namorar comigo mesmo. Gosto de raparigas amorosas e recatadas, que fazem o que lhes digo.

– Uf! – reviro os olhos. – Do tipo que limpa a casa e faz sexo ao sábado.

– Precisamente.

Rio-me e levanto o meu copo para brindar com o dele.

– Nada mau, para um velhote aborrecido com sapatos esquisitos.

Ri-se.

– Nada mau, para uma jovem deslumbrante e espertalhona.

– Quer ver o *Magic Mike XXL* comigo? – pergunto.

– Suponho que sim, embora deva avisá-la... fui *stripper*, nada disso é novidade para mim.

– A sério? – tento esconder o meu sorriso. – É bom no verão?

O seu olhar gruda-se no meu.

– Sim, sou o melhor do país no verão.

O ar entre nós crepita, e tenho de me concentrar para que não saia nada ordinário da minha boca ébria.

Ele aproxima o ecrã e carrega em *Magic Mike XXL*... e eu mostro um grande sorriso. Este homem é tão imprevisível.